

FANTASMAGORIA
PRIMEIROS
POEMAS
de
LEWIS
CARROLL

FANTASMAGORIA
PRIMEIROS
POEMAS
de
LEWIS
CARROLL

Ilustrado por
AB Frost e Lewis Carroll

Traduzido por
José Francisco Botelho
e Paula Taitelbaum



SUMÁRIO

PREFÁCIO *por Caio Riter*.....6

PARTE 1 FANTASMAGORIA **10**

{CANTO I} O ENCONTRO..... 12

{CANTO II} AS CINCO REGRAS..... 20

{CANTO III} ESCARAMUÇAS 28

{CANTO IV} SUA CRIAÇÃO..... 36

{CANTO V} EMBATE 46

{CANTO VI} BARAFUNDA 54

{CANTO VII} TRISTE REMINISCÊNCIA..... 64





PARTE 2 PRIMEIROS POEMAS.....	70
Minha Fada.....	72
Pontualidade.....	74
Melodias	76
Irmão e Irmã	78
Fatos	80
Regras e Regulamentos	81
Horrores.....	84
Mal-entendidos.....	85
Aconteceu num Belo Dia.....	86
As Baladas Pesarosas Nº 1	88
Os Dois Irmãos	92
No Brejo Solitário	100
O Palácio dos Farsantes	
Casos de Mistério, Imaginação e Humor Nº 1	104
Uma Fábula	108
Conto de uma Cauda.....	110
O Cabeça-dura	114
SAIBA MAIS	118

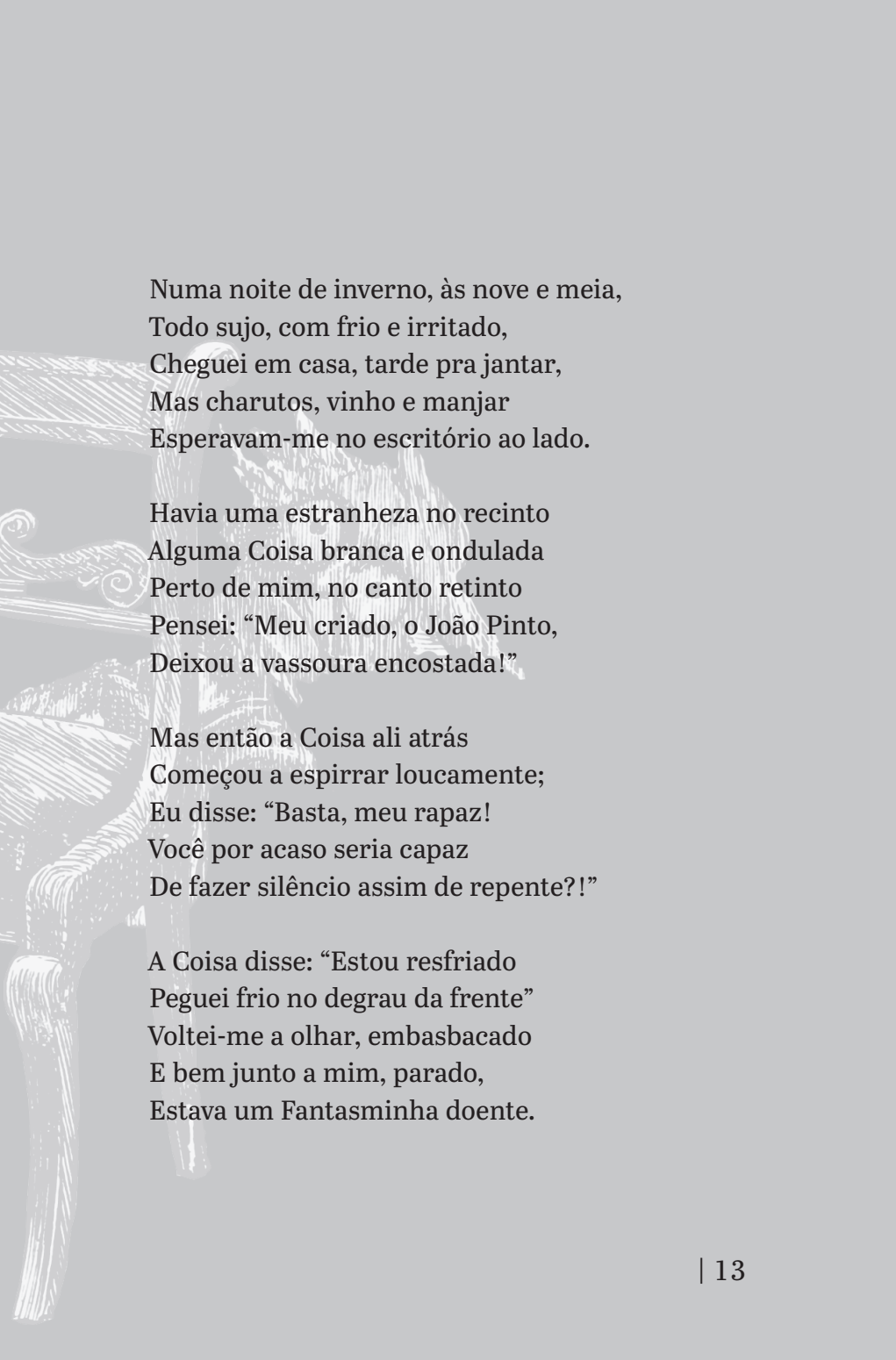
PARTE 1

FANTASMAGORIA

{CANTO I}

O ENCONTRO



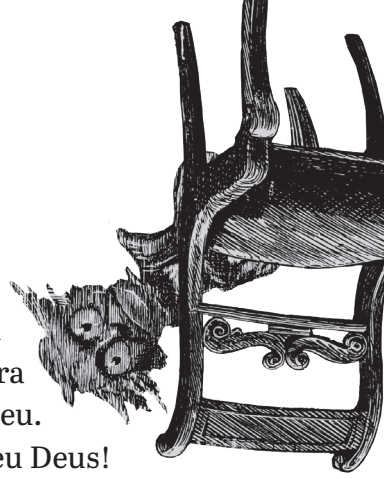


Numa noite de inverno, às nove e meia,
Todo sujo, com frio e irritado,
Cheguei em casa, tarde pra jantar,
Mas charutos, vinho e manjar
Esperavam-me no escritório ao lado.

Havia uma estranheza no recinto
Alguma Coisa branca e ondulada
Perto de mim, no canto retinto
Pensei: “Meu criado, o João Pinto,
Deixou a vassoura encostada!”

Mas então a Coisa ali atrás
Começou a espirrar loucamente;
Eu disse: “Basta, meu rapaz!
Você por acaso seria capaz
De fazer silêncio assim de repente?!”

A Coisa disse: “Estou resfriado
Peguei frio no degrau da frente”
Voltei-me a olhar, embasbacado
E bem junto a mim, parado,
Estava um Fantasminha doente.




Ao ver que eu o fitava, estremeceu
E escondeu-se atrás de uma cadeira
“Como chegou aqui?” Não respondeu.
“Que fantasminha mais tímido, meu Deus!
Que quer? Chega dessa tremedeira!”

Ele falou enfim: “Tenha paciência,
Pois vou lhe revelar o como e o porquê
Mas...” (fez uma pequena reverência)
“Você vai achar que é tudo uma demência.
E tenho medo de irritar ainda mais você.

“E se tremo, escondido aqui no fundo,
Permita-me comentar, de antemão,
Que Fantasmas têm todo o direito do mundo
De sentir o mesmo medo profundo
Que Mortais sentem da escuridão.”

“Nada a ver”, eu disse, “É covardia:
Pois Fantasmas surgem ao seu bel-prazer
Já quando o espectro chega numa moradia
O Mortal não consegue recusar sua companhia
E diante disso nada pode fazer.”

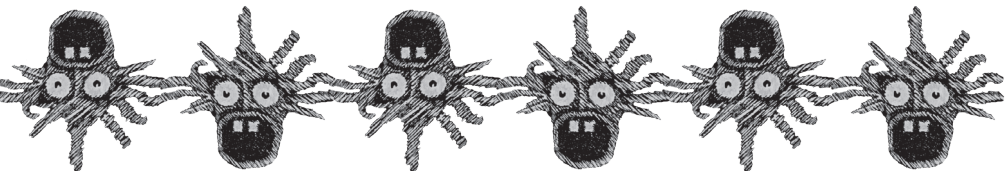


Ele disse: “Eu me assustei um pouquinho
Não é coisa assim tão esquisita
Você estava irritado, queria vinho
Mas agora está aí tão calminho
Que contarei as razões da minha visita.

“Todo lar é classificado
De acordo com a soma de assombrações
Que nele pode ser acomodado
(E o inquilino é só um fardo pesado
Como madeira, palha ou carvões).

“Esta é uma casa de ‘um-fantasma-só’
E no último verão, logo na sua chegada,
Você deve ter notado, antes de tirar o paletó,
Que em meio aos móveis cheios de pó
Lhe deu as boas-vindas uma alma penada.



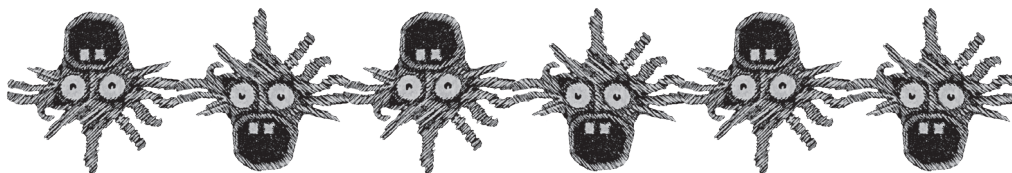


“Esse é o costume em toda casa rural,
Mesmo quando o aluguel é barato.
Claro, há menos diversão paranormal
Quando só cabe um fantasma no local,
Mas é preciso aceitar esse fato.

“O outro espectro foi-se há uma temporada;
E desde então ninguém assombrou a mansão
Como nossa instituição não foi comunicada
Simplesmente não foi feito nada
E você ficou sem assombração.

“Um Espectro é sempre o preferido
No preenchimento de uma vaga
Logo depois vem o Duende, o Elfo, o Cupido,
E, se esses forem preteridos,
Um Gollum saído de uma saga.

“Os Espectros disseram que sua casa era ruim
E que seu vinho era uma porcaria
Como vê, acabou sobrando pra mim
Fui o fantasma escolhido, no fim,
E não pude recusar tal ‘honoraria.’”



“Decerto”, eu disse, “o eleito
Foi o que tinham disponível, viu?
Um pirralho todo sem jeito
Para assombrar um homem feito.
E isso não é um elogio!”

Ele disse: “Não sou tão jovem, senhor;
Embora possa até parecer
Já andei por grutas de rios, no interior,
Por lugares ermos, de muito calor,
Tenho experiência, pode crer.

“Porém, até o atual momento
Não cumpri tarefa domiciliar
E na confusão, como sou desatento,
Esqueci as cinco regras de comportamento
Que é preciso, ponto a ponto, decorar.”

Eu começava a simpatizar com o avoador
Ele tinha até certo encanto e era singelo
Mas parecia de todo apavorado
Por um humano enfim ter encontrado;
Estava trêmulo e amarelo.



“Enfim”, eu disse, “é ótimo ter conhecimento
De que ser fantasma não é maldição
Sente-se, sirva-se a contento
Está com fome, está sedento?
Já jantou? Pois eu ainda não.

“Eu sei que é bem esquisito
Oferecer comida a uma alma
A questão é que estou aflito
Para saber das regras dos Espíritos
Então conte-me agora com calma.”

“Vou lhe contar, tenha certeza.
E pela bondade, sou muito grato.”
Eu perguntei: “O que deseja?”
“Já que oferece” – olhou a mesa –
“Um pedacinho desse pato.

“Só uma fatia! E se não for abuso
Um pouco do molho rosa.”
Olhei-o então meio confuso
Pois nunca vira algo tão difuso
Nem coisa assim tão vaporosa.

E ele ficou mais difuso e embranquecido
Mais vaporoso, sinuoso e sebento –
No lume incerto e estremeado
Ao recitar, com um bramido,
As “Máximas do Comportamento”.

